



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gelado do Porto—Paga da Banca
Vales do Correio para Cete—Preço 1900

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares, R. Santa Catarina, 626-Porto
Visado pela Comissão de Censura

UM DONATIVO

Acho que deve ter sido a vista da fotografia do Elvas e do Porto, descalços, tal qual apareceram em um dos ultimos numeros de «O Gaiato». Deve ter sido, sim, este facto, junto à boa vontade de quem viu, que produziram a remessa de um cheque de 50 contos, de «Alguém da capital. «Vista e calce os seus rapazes». Honra lhe seja.

Vê-se nesta alma um habito, uma aflicção de dar. Nota-se aqui o amor do próximo traduzido em português, que é a lingua que nós falamos. «Tome lá». Quantos não hão-de exultar ao lerem esta noticia, quantos! Não se lhes importa saber quem deu. Isso seria bisbilhotar. Basta-lhes saber que deram. Assim se dá glória ao Pai Celeste.

Sim. Amor do próximo. Como pode alguém em boa verdade dizer que ama a Deus se não se doi do seu semelhante? Que outros preguem o amor de Deus, que nós pregamos aqui o amor do próximo, sem receio de errar. Porquê? São semelhantes. Um sem o outro, não é amor.

Estes donativos são a realização exacta das promessas do Mestre e a afirmação da Sua presença real na terra que pisou. Elas não faltam. Não podem faltar. Quando eramos apenas três vadiositos, naquele tempo em Miranda, tínhamos pão suficiente. Uma vez chegados aos trinta, havia de tudo. Somos hoje à beira de 300, temos o preciso. Quando formos 3.000, nada há-de faltar.

Não dependemos do Estado, nem da Igreja, nem do Povo. Estes podem ser instrumentos, mas o toque vem do alto. Oh mundosinho sem fé; quando te resolves a olhar para o maná que cai do Céu, em vez do milho que vem do chão!

Era de uma vez um doente. Fui visitá-lo ao hospital. Estavam ali vários amigos a fazer a mesma coisa. Os jornais tinham anunciado por aquele tempo um subsídio de 300 contos, do fundo do Desemprego. «Parabens; V. é feliz. O Ministro é seu amigo.»

O doente disse mais e disse melhor: «Não foi o ministro!» Há só uma força no mundo capaz de botar a terra uma obra desta natureza; só uma. O pecado dos fundadores! Senhor Deus, misericórdia. A Vossa mão.

UMA CARTA



Gosto tanto, tanto, do seu jornalsinho que o meu gosto era que todos os Portugueses fossem seus leitores. Vou hoje enviar o nome de mais um assinante, e envio-lhe 50\$00 para o pagamento dele por um ano. Quem me dera ter muito para lhe dar! Já da outra vez que paguei a minha assinatura pedi a caridade de me dar noticias daquele Manuel que foi asilado e nada disse a tal respeito. Venho pedir-lhe por caridade, que me diga alguma coisa acerca dele. Encontrei-o em Outubro do ano passado, cheio de fome e sem ninguém no Mundo, coitadinho; lembrei-me da casa do gaiato e dei-lhe um jornalsinho e 20\$00, mais alguma coisa uma saca para o caminho, e mandei-o sósinho, e até hoje não sei mais nada dele! Pesa-me na consciência; não sei que é feito dessa criança que eu mandei sósinho por caminhos desconhecidos para aí. Diga-me pelo amor de Deus, se o pequeno aí está e se se vai portando bem. Ele parecia bom, e por isso tive receio que o Mundo fizesse um desgraçado. Diga-me no seu jornalsinho, alguma coisa, sim? Ele chama-se Manuel e tinha saído do Asilo. A Mãe tinha-lhe morrido tuberculosa e o pai creio que também faleceu com a mesma doença. A mãe vivia de esmolas, tinha-lhe sido amputada uma perna; uma verdadeira miséria!

Chegou sim senhor. Chegou aqui naquele dia, saqueta no braço, O Gaiato na mão, e com esperanças de ficar. Ficou. E' este do retrato. E' conhecido pelo cachimbo.

Gosto muito que outros denunciem o mal de mandar embora crianças que por algum tempo se abrigaram em asilos. O que seria desta, se não topasse no caminho a sua estrela?! A carta vem a dizer a terra e o nome do asilo, mas eu cá não publico. Basta-me as cartas que recebo a darem pancadas, por falar!

Mas se da pancada de hoje vier a sair algum bem, amanhã, para estas e outras crianças, vale a pena dar o corpo ós açoites.

Do que nós necessitamos

Quem há-de dizer que este número de O Gaiato, com todas as coisas lindas que traz no seio, foi todo feito no de prata, a caminho de Lisboa. Quem há-de dizer?! Pois é verdade. Sentadinho no salão restaurante, regalei-me de trabalhar e... de comer.

Digo a parte que me diz respeito, que ele há outros jornalistas e esses não sei aonde nem como escreveram as suas secções. Temos de arranjar camisola amarela para os jornalistas, assim como já a temos para os vendedores do jornal. O P.º Adriano, o do Mirante, está a caminho!

Os visitantes continuam a ser o número rial da aldeia. Todos se explicam. Acabou o cartão-sinho de visita. Já descobriram por si mesmo que isto não é uma obra de cortezias. Que venham mais. Muitos e bons visitantes. O Zé da Lenha encontra-se suspenso das suas funções de cicerone. Guardou uma moeda de prata para si! Não contava com a infidelidade. Prometeu que nunca mais.

E' boa a promessa. E' melhor privá-lo por algum tempo daquele bem. Quiz ir ao Porto vender.

—Não vais.

—Deixe-me ir que eu estou arrependido.

Não vai. O arrependimento tira a culpa, mas não a pena. Não vai tão cedo. Há-de sofrer.

Mais do Brasil um donativo de dois mil escudos. Presentemente não o tenho nas mãos, mas já sei aonde ele se encontra. Mais um saco de favas e mais outro saco das ditas. São ambos de pessoas amigas que assim procuram remediar a falta dos nossos mais pequeninos, tendo comido o ano passado, no campo, as favas de semente. As duas cartas aludem, até, ao facto. Ora a gente este ano vai ficar de prevenção e aí daquele que se atrever! Mais 20\$ de um voto. Mais uma remessa de roupas usadas. Oh riqueza verdadeira! Mais de Oliveira de Azemeis uma pancada de metros de flanela, mais nas ruas da capital, valiosos e sucedidos tome lá e aqui tem. Até nos ministérios! E mais nada.

Outra carta

Peço desculpa do tempo que lhe possa roubar com esta carta, mas não podia deixar de lhe contar um caso passado entre mim e um dos seus rapazes. No passado Domingo dia 3 de Novembro de 1946, fui ao Porto visitar, minha familia. Comprei o jornal e esperei pelo carro para ir para casa. A meio da Rua dos Clérigos entrou um rapaz no carro em que eu viajava, vender o seu Livro «Obra da Rua». Depois de oferecer muito corretamente a todos os passageiros, veio à minha pessoa oferecer-mo. Comprei-lho, mas como não tinha dinheiro trocado, dei para pagar 100\$00 esc. Tanto eu, como o seu protegido pedimos aos snrs. passageiros e ao condutor do carro para trocar os 100\$00 esc., mas nada feito. O seu protegido, prontificou-se a ir receber à minha casa. Qual é o meu espanto, olho e vejo o seu protegido a correr atraz do carro, o que fez até ao fim da Zona, só para vender um simples Livro de 10\$00 esc. Levei-o a minha casa, e depois de ter contado à minha familia o sucedido, ofereci-lhe o pequeno almoço, que ele muito respeitosamente não aceitou. Ficamos muito mais convencidos da sua grandeza. Deus lhe dê tanto aos seus rapazes como aos 3 filhos que eu tenho.

MIRANTE DE COIMBRA

Quem me dera ser Francisco de Assis para entoar como ele o cântico da irmã morte! E' que a a tenho visto passar nesta quinzena, bem perto de mim, como um anjo de asas brancas, a fechar carinhosamente os olhos dos nossos Pobres, depois de lhes segredar de mansinho aos ouvidos: *irmão, terminou o teu doloroso calvário! Vem bendito do meu Pai: intra in gaudium Domini tui.*

A primeira vez, foi no Bêco do Moreno, aquele mesmo bêco onde (segundo reza a «Obra da Rua») principiou a dita *Obra*. Numa visita habitual, subi ocasionalmente àquela hora, ao quarto do inferno. Encontrei-o numa doce paz, já entrado em agonia. Um suspiro, outro ainda, e o Anjo levou-o consigo.

Felizes os que morrem no Senhor!

Quem pode imaginar a tortura daquele pobre chefe de família, sem saúde, sem trabalho, sem agasalho, a deitar sangue pela boca, com quatro filhinhos à volta, já contagiados alguns, a pedir-lhe pão? Mas entrou ali o anjo da caridade. Ageitou-lhe a cama com roupa nova, pagou-lhe o racionalamento, colocou-lhe os filhinhos. A nós coube-nos aquele que vagueava, quase nú, às portas do café de S.ta Cruz. O pobrezito mais aliviado da dor dos filhos, sangrando ainda com a separação deles, ficou só com a sua própria dor a respirar hora a hora, pela hora de Deus.

A cruz foi a sua mestra e com ela entrou na vida. Quantos tenho encontrado assim, cansados da vida, à espera da irmã morte: ai! que ela não vem!

Deus esqueceu-se de mim.

Em cima, num bêco da alta, o mesmo cenário dois dias depois.

Becos da "Alta" eram raios e coriscos contra a maldita raça dos *corvos negros*. Quanto desejaria o nosso homem rachar cada padre que encontrava, para dum fazer quatro.

Mas um dia a doença agravou-se. Nos sanatórios desiludiu-se e voltou ao tugúrio desesperado. Todos abandonaram o pobre tísico.

Apenas as *Criaditas* tantas vezes amaldiçoadas por ele, vinham visitá-lo e conduziam os filhos à creche para os alimentar. Snr. Padre aparecia também de vez em quando, com um subsídio, quando a avó não ia por ele: «ó meu rico senhor, que desgraça aquela. Daquela boca não saem senão pragas. Não quer morrer e é o que ele tem de mais certo».

Mas o bem, como a água mole, acabou por abrir brecha no rochedo. Reconhecem o Senhor no partir do pão. As almas não cedem com o dinamite nem com canhões mas vergam sempre perante o valor apologético deste argumento. E é tão simples!

Desde então cessaram as pragas: a sociedade, a vida, a própria morte, tudo mudou para ele de cor, e começou desde então também a esperar ansiosamente pelo findar das suas dores que a irmã morte lhe trazia.

Ele veio finalmente quebrar as ternas cadeias que o prendiam a este val de lágrimas. Bem dita seja ela!

Estamos agora numa das artérias mais movimentadas da cidade. Um dos nossos colonos da Snr.* da Piedade, voltava de levar o jantar ao pai.

Ruas largas Um carro de bois é sempre para o garoto da rua uma tentação a que não resiste. Trepa, salta a baixo, volta a trepar, dá piruetas, faz caretas ao boieiro e quando este se aproxima com a vara, o garoto atravessa a estrada. Uma camionete, em corrida vertiginosa, apanha-o em cheio. E lá vai o infeliz para o hospital.

Logo que chego a Coimbra, na estação e em cada rua a notícia salta da boca de cada colono. Lembrei então o que lá se tinha passado. Numa tarde o miúdo pegou-me pela mão e acompanhou-me a capelita. Queria dizer-me um segredo: —era o de tornar-se melhor.

Voltou de facto a Coimbra muito modificado. Vivo traquina regateiro mas lindo como um anjo, era o idolo da malta que o adorava. Todos o acompanharam a chorar. Na véspera cantou na creche com gáudio geral, a cantiga dos quarenta ladrões. Era o cântico do cisne. A rua era toda

CANTINHOS DOS RAPAZES

Estava eu no nosso escritório a trabalhar no jornal, quando oiço bater à porta e uma voz a perguntar se podia abrir. *Podes sim senhor*, disse eu. Era um rapaz. Um dos nossos. Perguntou se podia interromper o trabalho e que se eu não podesse fazê-lo, viria ao depois. Foi delicado. *Dize lá o que queres*, respondi.

Com muito apuro e dignidade, ele rapou de três moedas de prata, sendo duas de vinte e cinco tostões e uma de cinco escudos, as quais colocou sobre a mesa de trabalho, ao mesmo tempo que assim dizia: *Aqui há muito tempo tive a desgraça de lhe roubar este dinheiro.*

Não teve medo de mim. Não podia ter. A consciencia dizia-lhe naquele momento que a sua acção era boa e as acções boas são de premiar. Não lhe disse nada. Não tirei sequer os olhos de sobre a mesa de trabalho.

O prémio da sua acção não podia ser dado por mim, porquanto ele já o tinha recebido. Deu-lho a sua própria consciencia.

Eu estou certo que este brioso rapaz de quem o Mundo muito tem a esperar; estou certo, sim, que ele deve ter ido à nossa capela e agradecer ao Bom Deus a inspiração que lhe deu naquela hora tão feliz. A mais ninguém tem de agradecer. As resoluções santas, são toques do Céu. E' preciso que agradeça.

Esta bela acção do vosso companheiro vai correr mundo. E' uma mensagem de honestidade que todos hão-de gostar de ler. E vai também ser conhecida aqui em casa, por todos quantos lerem o *Cantinho*. Pois muito bem. Se um pode, porque não os outros? Alguns há que teem feito e fazem o mesmo; roubam e escondem. A palavra é tão feia que até me custa escrevê-la, sim, mas não há outra. Nem o que rouba tem outro nome senão o de um *ladrão*. Que fazer pois? Rejeitar o nome. Como? Pelo arrependimento.

Um de vós deu a lição. Que todos os que precisam dela a aprendam.

Crónica Desportiva

GAIATOS, 2 DESPORTIVO DA SÉ, 0

Jogamos no nosso campo com o grupo Desportivo da Sé em que vencemos por 2 bolas a zero. Antes de começar o encontro o grupo da Sé ofereceu-nos uma taça. Logo no começo do jogo os Gaiatos marcaram o primeiro ponto por Rio Tinto com um formidável tiro rasteiro que o guarda-redes não pode segurar. O nosso guarda-redes esteve numa tarde formidável. Na primeira parte o guarda-redes dos Gaiatos fez uma defesa formidável atirando-se aos pés de um jogador. Na segunda parte os Gaiatos marcaram mais outro tento numa grande penalidade por Amadeu. O guarda-redes dos Gaiatos salva mais uma vez um gôlo que era certo. Nos Gaiatos estiveram todos em destaque.

dele e antes que ela o perdesse a Providência levou-o para si.

Ainda aqui eu vejo na irmã morte o anjo salvador.

Para longe aquelas imagens lúgubres de esqueletos e gadanhas, de ampulheta e quejandas. Que elas aproveitem a quem não tem fé.

Fiquei triste quando, há dias, à porta duma fábrica, um operário rolando, sob a chuva, um pesado madeiro, maldizia a sua sorte —anda para aqui um a trabalhar e no fim ainda *lhe atiram com o inferno*.

Não meu irmão: para ti chega-te o inferno desta vida se souberes levar com Cristo, Operário e pobre, o peso da tua cruz. O inferno não foi feito para ti, mas para os gozadores da vida, que se divertem talvez com o suor do teu rosto. Para proclamar bem alto esta verdade o Mestre subiu a um monte, sentou-se sobre um penedo e começou em tom solene, que espantou as turbas:

Bem-aventurados os que sofrem!

Bem-aventurados os pobres!

Bem-aventurados os misericordiosos!

P.º Adriano.

Rumo a Lisboa

Desta vez fomos no nosso carro.

Nem um furo! Ia o Ernesto, completar na Tobis um trabalho de filmagem começado em a nossa aldeia. Ia o *Morteiro* de visita aos Pais. Ia eu e não ia mais ninguém. Saimos naquele dia, em boa hora, e chegamos na mesma.

Os dois gaiatos que foram comigo, sendo naturais, como são, um do Porto e outro de Lisboa, não abdicaram um til das suas convicções. O *Morteiro*, fartou-se de mostrar ao Ernesto as maravilhas da capital, mas ele não se deslumbrava: *Ora ora; o Porto é que é.*

Andei por lá dois dias. O Terreiro do Paço é sempre o sítio dos meus trabalhos. Quem quer água, vai à fonte. Encontrei no seu lugar todos aqueles que procurava. Quanto mais a nossa obra cresce, tanto mais no seu lugar estão. São bons. São inteligentes.

Fui também ao Seminário. Ao Seminário de Cristo Rei. O Nuno de Riachos tanto pediu e tanto instou e tanto fritou, que eu não tive outro remédio senão ir, pró não aturar mais tempo. Eram 7 horas; já noite. Tinha sómente dez minutos. Fomos gastá-los numa sala de conferencia, aonde me esperavam. Falei: Disse da Pobreza. Da Altíssima Pobreza do Evangelho. Ai dos que procuram instalar-se na vida! Escondem os talentos. Traem o Mestre.

Disse-lhes mais que puguem o amor do próximo por este ser semelhante ao amor de Deus. Quem jamais viu Deus? Mas o próximo, sim. E disse, e disse e disse.

No dia seguinte, estávamos todos em ar de marcha, à porta do Francfort. Pai e Mãe do *Morteiro* compareceram à despedida. Ele fôra um motorista e agora é um doente. Ela esfrega casas: *tenho 3 senhoras, mas agora não posso desta mão, ora veja.*

Trazia um cestinho coberto. Era um coelho vivo. *Há-de levá-lo. A gente cria uns coelhinhos, de couves que pede na praça. E teimava: Leve pró seu almocinho.*

Despediram-se com lágrimas. Eles amam o filho. *Só temos este.* Ora eu ficaria muito mais contente, se podesse ter deixado ao casal o filho que lhe pertence. Os portugueses seriam muito mais felizes, se todos os pais que amam os seus filhos, podessem mantê-los em sua casa. Ele dormiu no mesmo leito dos Pais, enquanto durou a visita que lhes fizera! *Arrumamo-lo aos pés da nossa cama*, disse-me a Mãe. *Leve o coelhinho.* Estes diminutivos são mimo que os pobres nos dão! *Pró seu almocinho.*

Voltei costas a pensar que nas capitais, há destes erros capitais.

Nota da quinzena

Vinha no *Comércio*. Cinco homens armados assaltaram uma camionete de passageiros. Sairam das giestas, fizeram alto e limpam. Eram cinco salteadores. Horas de pavor! No final da limpeza, um deles pergunta ao chefe se se mata o motorista. Que não, *furam-se os pneus*. Uma velhinha chora a perda do seu cordão e o chefe manda entregar: *Tome lá, não chore mais.*

Isto deu-se a trinta quilómetros de Braga, na estrada de Chaves e no reino de Portugal.

Foi chamada uma força da G. R., que anda por lá a vêr se apanha os criminosos e bom será que assim aconteça. Mas, se me fôsse permitido falar, eu havia de dizer que o verdadeiro remédio está mais no prevenir do que no perseguir.

O Bandido nasce da creança e medra na rua. E' um nascimento e um crescimento perigoso, porquanto se faz sem dor. Nasce e cresce no meio do trigo bom, sem que alguém se aperceba, e em determinada altura manifesta-se. *Foi na estrada de Montalegre, diz o Comércio do Porto.* Uma dúzia de homens de bem viram ali e sentiram o mal de que jamais deram fé e quem sabe, até, se para ele concorreram!.

Os bandidos não eram totalmente maus: — *Não mates, fura os pneus.* Respeito pela vida. *Tome o seu cordão e não chore.* Piedade. Não eram de todo maus.

Estes casos hão-de repetir-se. Não há segurança possível. Metralhadoras à pôpa e à prôa metem medo, sim, mas não afastam o mal. E', até, por amor dos tais metralhadores que chegamos a esta perfeição. Que o digam os da *Scotland Yard*!

Que fazer? Não haverá remédio? Há sim senhor. Ponham o P.º Cruz numa camionete e deixem vir os bandidos! Menos metralha e mais amor.

Notícias da Casa de Miranda

POR
Carlos
Alberto
Sreftas

Já cá andam os pedreiros a encherem os alicerces da nossa futura casa. Já estão quase cheios. O Sérgio e o Manuel (pedreiros) andam ajudá-los. O Sérgio acarretou num só dia, com um carrito de mão a que ele pôs o nome de *Jeep*, duas carradas de camioneta. O Camilo e o Zé Maria trazem pedra com o carro de bois da pedreira.

Deram uns poucos de fatos ao Carlos, quando ele foi vender o Gaiato à Louzã. É sempre uma Senhora muito boa que os dá. Em Coimbra logo que se apeou, Calhabé, deram-lhe logo café. O rádio foi comer à casa dum Senhor da Covilhã, que por sinal estava doente. Desejamos-lhe rápidas melhoras. Uns Senhores prometeram ao Bucha uma bola de couro, ao pé do campo da Académica. Os Gaiatos de Miranda estão à espera que lhes seja satisfeita a promessa.

O fala-barato começou a treinar-se na venda do jornal. Com a lata que tem vendeu todos num instante; logo que ele comece a ir a Coimbra vai tirar a camisola amarela ao Rádio.

O Tóto é das camaratas, anda já a sonhar com o frio. A Senhora foi dar com ele, a fazer as camas, embrulhado num cobertor e um boné na cabeça, e com todas as portas e janelas fechadas. Quando vier o frio não sei como ele há-de viver.

Veio cá no último domingo o Sr. Bispo fazer a visita pastoral. Esteve cá em Casa o que muito nos alegrou. Depois fomos todos à vila. Zé Figueiredo ficou todo admirado quando o Sr. Bispo ia a entrar na Igreja. Diz que ia com uma grande muleta na mão.

O Zé Briu descobriu há dias um ninho de coelhos bravos, ao pé da lenha que está a secar. Foi chamar uns poucos dos maiores que fizeram um cerco. O Manuel (pedreiro), ainda apanhou um, mas deixou-o fugir para o meio das cavacas. O Zé Briu é o que apanha mais ratos e pássaros.

Entrou mais um casal de velhinhos, para a nossa Conferência, já não podiam trabalhar e viviam miseravelmente. Quando há assim algum pobre na freguesia são os homens que nos vem pedir para nós lhes darmos esmola. Nós temos pena é de termos poucos que nos ajudem.

Peço licença ó Zé Eduardo, o cronista do Porto, de vir aqui meter o nariz nas suas atribuições, narrando um caso que se deu na comunidade do Lar e eu observei. Era domingo. Foram todos ó futebol. Fomos. Eu também fui. Antes da partida, reunidos à minha volta, cada um louvava o seu clube e pedia-me a adesão. Oh matinação!

O Marques ficou à porta, a chorar.
—Não vais?
—Estou castigado!
Nisto, aproxima-se uma comissão a interceder. O chefe da casa não vinha no grupo. Não me falou no caso. Que podia eu fazer?! Nada.
Fomos. Cheguei a casa muito antes da tropa e noto que o *Piolho* também ficara.
—Estás castigado?
—Não Senhor.

Em dois traços pinta a história. O castigo do Marques, havia sido originado entre os dois. Não estava castigado, sim, mas quiz participar. Isto é soberbo! Esta creança, que foi ontem das ruas, não deu fé do seu heroísmo! Um dia de sol. Companheiros que partem. Um desafio a andar no campo. Desafio da bola. A bola. E ele fica!

Tantos valores que se perdem na rua por amor das falsas riquezas!

Dois recados

Vou continuar a ver se nas igrejas e capelas da Cidade Invicta há muita gente nas Missas dos domingos.

No dia 24 estarei, às 10 horas, na Ramada Alta e às 11 e meia, no Carvalhido. Tenho um recado para ti. Aparece. Ouvidinhos atentos e carteira acutelada.

tura casa. Já estão quase cheios. O Sérgio e o Manuel (pedreiros)



Este é o pequenino cuja mãe *andava a roubar* segundo informações do *Zulmiro*. O qual também *andava a roubar*, segundo informação do pequenino. Eles são da mesma terra. A minha gente é toda deste naipe!

Chegou triste e anda triste. Frequenta a escola. É dos do Amadeu Fino.

Ficava nos palheiros e nas casas da lenha dos vizinhos, segundo uma informação que há poucos dias tivemos. A Mãe é mulher de todos, por isso mesmo ninguém é dela. Nem o próprio filho!

—Queres ir pra tua mãe?
—Não senhor. Antes quero cá ficar!

Foi assim que me respondeu o Zé Maria, quando o chamei a perguntas. *Antes quero cá ficar*. Este cá, perde a função de advérbio de lugar, para ser um pronome possessivo. Cá, aqui, naquilo que é nosso, disse-me o pequenino.

Mas ele há de veras obras no mundo às quais os sem eira nem beira possam num instante fazer suas?! Pois há sim senhor. É em Portugal. Quem é que as sustenta? São aqueles mesmos que a procuram, com esta indumentária e modo de vida: *andava a roubar!*

E de quem é a tal obra? Se está em Portugal é dos portugueses. Não é do Estado. Não é da Igreja. Não é da Câmara. Não é do senhor Comendador. É dos portugueses. São eles; é cada um deles que dá a este estarrapado o direito de posse total da Obra. Porque? Porque o farrapão-sito que aqui se apresenta, é português!

O nosso Carlos Inácio disse aqui há dias, no regresso da venda do jornal, que num café, um senhor se levantara e dissera muito alto: *todo o português que for inteligente compra este jornal*. A obra é dos portugueses.

Da venda do quinzenal

Foi um domingo de sol. De Paço de Sousa, despacharam-se Carlos Inácio, Zé Sá, Alfredo e Rodrigo. Foram no sábado de manhã. O sábado é melhor dia. *Aquilo é que é gente!* O *Piolho* vendeu 65 jornais no arranha-céus, contou-me um seu colega. *Ele chateia os senhores e refila se lhe não compram!* Um piolho a refilar!

Outros contam outras coisas. Tantas e tais escutam por lá, que se não tivessem inteira confiança em mim, já tinham desertado. Coisas a meu respeito.

—Ele (eu) tem tudo em nome dele e à morte vem a família buscar!

—Não tem não senhor, replica o Ferreirinha.

—Então o carro em que ele (eu) anda de quem é?

—O carro tem *Casa do Gaiato* no sítio aonde se põe o nome do dono.

O *Porto*, também conta das suas:

—Ele (eu) que vá prá cadeia comer!

—E a gente aonde é que há-de comer?

Eles são feras. Atiram-se. Sangue não. Há só um *Amor* que no-lo merece. Sangue não. Mas a palavra, sim. Essa todos a têm na ponta da língua. Defendem o que é deles. Venderam tudo outra vez. Vamos aumentar a tiragem. Vamos prós onze mil! Nunca se viu no império coisa assim! Terrivelmente lido; terrivelmente procurado, o humilde quinzenal! Venderem 77 dos nossos livros. Uma senhora de Vizeu comprou um jornal por mil escudos. Não temos necessidade de aumentar o preço. Os compradores é que o fazem; mil escudos! Foi

CRÓNICA DO LAR DE COIMBRA

A secção reservada aos cronistas do Lar, tem permanecido em silêncio. O «escritor» habitual não pode deliciar-nos com as suas eloquentes crónicas, em consequência do seu extenuante trabalho lho não permitir. Ingressou na Universidade, e pode dizer-se, abandonou por completo o jornalismo, para se dedicar exclusivamente ao estudo.

Os livros para si são a companhia inseparável, tanto nas horas de grande alegria como nas de infortúnio.

O Herlander, o novo Platão—16 a filosofia—sente-se hoje feliz, mormente ao recordar que parte do seu sonho é já uma realidade consoladora. Agora, é vê-lo de cabeça levantada, passo bem medido, subindo os degraus da imponente e magestosa casa de D. Diniz, que ante ele, ergue suas portas escancaradas, parecendo querer dizer à academia: Este Herlander é mais um que no futuro próximo, irá transpor o mundo da glória.

Está quase chegado o 1 de Janeiro. Isto quer dizer, que dentro de pouco tempo, teremos à porta as eleições, as quais decidirão da escolha do maioral, que no próximo ano de 1947, presidenciará aos destinos do Lar.

A propaganda eleitoral, ainda em embrião, parece no entanto querer demonstrar-nos, de que a batalha não será renhida. Aquele que for escolhido, é o que será aceite de bom grado por todos nós. Não detemos ódios, nem somos ambiciosos. Somos todos «democratas». Por conseguinte, um só partido, um só ideal: Trabalhamos para o bem de todos.

A verdadeira democracia, não é mais nem menos, de que um entendimento leal entre os homens de boa vontade. E nós somos homens de boa vontade.

Havemos de ganhar todos.

Filipe Martins
Cronista

o Amândio. Um senhor disse que vai mandar um porco para Paço de Sousa, informou o vendedor. Veja lá, meu senhor; não nos deixe com a promessa. Promessas não adubam a panela do nosso caldo, e que panela! Até à data, tivemos uma bacorita de Peniche e um porqueto de Ancião, o qual ficou na Casa de Miranda, por ser mais perto e melhor caminho. As necessidades de lá são as mesmas das de cá. Porco, verdadeiramente porco, ainda não tivemos. O Alentejo não ouviu o nosso recado. Ande lá, meu senhor. Nem bacorito nem porcalhão. Um porco.

Confiar na rua uma nota de mil escudos a um que foi das ruas. (O Amândio era vedeta) já é muito importante. Porém, a alegria com que eles entregam em casa, isso é que é. Clamor, disputas, ar importante: *Fui eu!*

Então tu cuidas que eu não tenho confiança nos gaiatos, ouviu o Fernando dizer a um senhor que lhe deu uma nota, em resposta a um amigo que nisso reparou. *Eu tenho confiança nos rapazes*. Sim, meu senhor. Ainda que interiormente se reserve, manifeste. Dê. Estime. Sorria. Só pela confiança geramos confiança na alma destes seres que eram ontem parias. Não sei de quem se trata; o Fernando não conheceu. Mas na nossa oração pelos benfeitores da obra, este senhor está no cabeçalho.

Aquele voto de confiança, obriga os rapazes. Dá-lhes brio. Prepara-os. Enche-os, não os incha.

Dê-me a sua mão, meu senhor, que lhe quero beijar. Todo o homem que no mundo levanta almas, levanta-se. Quando vamos acabar com o *foge que é danado*?

Era de uma vez uma casa de educação e um educador. Vai este, chama o rapaz, lança-lhe na cara o que ele fizera na ocasião mais algo que tinha feito outrora. Era muito para uma alma em formação. O moço sucumbiu. Saiu da casa triste, desanimado. Mais tarde encontrei-o no turbilhão, inconformável! Aquele educador esqueceu-se que águas passadas não moem moinhos!

Os acréscimos, subiram a 1.847\$00. A camisola fica aonde estava.

Isto é a Casa do Gaiato

ESTA coisa de termos barbeiro de casa, em lugar de benefício, é uma fonte de discordias. Um caso: *Periquito*, que é o nosso barbeiro, andava com sede o Claudino. Este veio me pedir se podia cortar o cabelo à *homem* ao que eu me recusei: *Não tens título. Periquito* soube da decisão e todo se lambia de contente. No dia seguinte, rapa da máquina zero: *anda cá que eu vou-te cortar o cabelo à homem!* O que eles fizeram e disseram não é de contar!

RECEBEU-SE aqui uma carta dirigida ao Carlos Inácio a cumprimentar o rapaz por uma boa acção que ele praticara, a qual o nosso órgão oficial em tempos publicou. O elogiado encontrava-se no leito, de uma queda, quando a carta chegou. Mandeilha à enfermaria. O rapaz leu, mandou chamar a *senhora* a ver se ela lhe explicava: *que é que eu fiz para merecer?*

Não sabia; não deu fé do bem que fez. A virtude é assim. Este rapaz andava no lixo, mas não é lixo.

DESAPARECERAM duas moedas de prata de sobre uma gaveta da menina Idalina. Esta fez queixa e logo poz o dedo no gatuno: *deve ter sido fulano*. O fulano compareceu e disse que não. Mas eis que um companheiro se levanta e diz que sim. Tais provas aduziu, que o professor Arlindo concluiu: *Só te falta apresentar o dinheiro*.

O acusador estava inocente. O acusado mentira. Tratava-se de uma calúnia formal. Mas há mais. O acusador, como tivesse visto roubar, foi convidado pelo professor a castigar o *gatuno*, e teve coragem de lhe dar duas vezes com uma regua!

O inocente chora. Quer fugir. Claudino conforta-o. *Deixa vir o P.º Américo. Não fujas!*

Um terceiro rapaz, depois de tudo *apurado* e vendo a monstruosidade do caluniador, levanta-se e exclama com nobreza: *Tu mentes. Eu é que roubei!*

Eu estava ausente. A minha chegada e depois da chusma ter vindo ao meu encontro, aparece o *gatuno* ao pé de mim, em convulsões de choro: *Roubei. Fui eu. Quero-me confessar.*

—Estás confessado!

Entramos no escritório.

—Como posso eu mandar-te para um emprego?

—Não me mande sem eu ter forças para resistir!

Nessa noite, fiz tribunal.

O inocente e o seu consolador, jantaram comigo. Foi lombo!

O *gatuno*, não. Devia também, pela sua nobreza, mas roubou.

Isto mesmo lhe disse na presença da Comunidade.

Ele compreendeu. Eles compreendem.

O *Periquito* encheu a medida. As queixas eram de toda a hora.

Eu não podia fazer nada de sério, de tanto ser interrompido. Os da erva, *porque ele vai arrigar pros coelhos e estragá-los o pasto das vacas*. Os do

campo, *porque ele vai-nos afeitar*. Os das oficinas, *—ele é um armante*. Era sobretudo às segundas e sextas, dias em que *Periquito* não tem oficina. Ora muito bem. Fez-se um tribunal soleníssimo. Mandou-se vir *Periquito* o meio. Ele não queria. Encostou-se à mesa mas, eu teimei: *já pró meio*. Quiz que a luz o mostrasse.

Uma vez no seu lugar, chamei os chetes e disse-lhes do perigo iminente que a nossa casa corre, se vamos consentir por mais tempo um rapaz de 16 anos a vadiar à sombra

dela. Isso é péssimo, acode um dos chefes. Eu não iria tão longe. Ficaria no mau, mas gostei de ouvir o superlativo na boca do rapaz. No fim do tribunal assentou-se: — primeiro, que as segundas e sextas da semana sejam os dias em que *Periquito* rape e corte os cabelos da casa. Rapar os meudos e cortar à *homem* os que merecem e os que já ganham e pagam. Segundo, que *Periquito* terá sitio certo de operar e ali espera os fregueses, em vez de ir aonde a eles, como dantes era.

Terceiro, que os chefes teem licença de apertar as costelas ó *Periquito*, sempre que ele se meta com a malta, e aqui é que foram palmas.

Quarto e último, que por isso mesmo, as queixas que até à data subiam ao nosso escritório, passem actualmente a descer aos chefes. Ora vamos a ver.

NÓS temos uma campa no cemitério da freguesia. E' a do Delfim. E' o número 25. Chegou o dia de Finados e eu propositadamente calei-me, a ver o que faziam

os irmãos sobreviventes. Não me enganei. A' hora da missa, na capela, vejo o Norberto de Gaia com 4 velas na mão, meio ardidas. Tinham-se consumido de véspera na campa do *nosso menino*. Foram compradas espontaneamente por eles. Eles velaram e rezaram aos grupos. Obra deles. Por eles. Para eles. Nembun era parente do defunto. Conheceram-se aqui em casa pela primeira vez. Não importa. Aonde reinar o espírito cristão, pode sempre dizer-se como nos tempos das catacumbas: *o'ha como eles se amam!*

Assinaturas pagas

Jacinto Barreto Rocha, Porto, 30\$00; Avelino Matos Vieira, Póvoa de Lanhoso, 50\$00; Maria Elvira Porto Lavrador, Lisboa, 100\$00; Maria Adelaide de Magalhães Ilharco, Portelo-Cambres, 50\$00; Dr. Francisco Magalhães Ilharco, Portelo-Cambres, 50\$00; Dr. Abílio Francisco Gouveia, Conservador do Registo Civil, Vila de Rei, 50\$00; Ilda dos Santos Valentim Barros de Mesquita, Sillvares, 20\$00; Beatriz Gonçalves Grilo, Ermelo-Mondim de Bastos, 25\$00; Isaura dos Anjos Carvalho, 25\$00; Olímpia Carvalho, 25\$00; Lídia Minhava, 25\$00; Ana Pereira, 25\$00; Maria Emília Minhava, 25\$00; Angelina Pereira, 25\$00. Todos de Goutães-Vila Real.

Isabel de Sousa Carvalho, Lisboa, 30\$00; Fernando Moraes, Guarda, 20\$00; Manuel Ferreira Martinho, Porto, 50\$00; António Joaquim Rodrigues Coelho, Borba, 20\$00; Eng. António Aranha Furtado de Mendonça, Foz do Douro, 50\$00; Maria Virginia da Costa Ribeiro, Porto, 50\$00; Padre Manuel de Sousa Miguel, Porto, 30\$00; Dr.ª Lourdes Fernanda de Almeida, Gouveia, 50\$00; Arcipreste Padre António Gomes de Almeida, Ferreiros, 60\$00; Arminda Ribeiro Lopes, Guarda, 20\$00; Maria Júlia Azevedo Lima, Esposende, 100\$00; Manuel Veloso Gomes, Vila Nova de Famalicão, 30\$00; João Marques Leal, Laurinhã, 25\$00; Maria Cristina Rebelo de Andrade, Guarda, 20\$00; Clementina Lopes, Saure, 20\$00; José Teixeira de Oliveira (2 meses), 2\$00; Armando Moraes, 20\$00; Mario Silva, 30\$00. Todos do Porto.

Albina Gomes, Rina-Lamego, 100\$00; Padre José de Castro Torres, Taide-Póvoa de Lanhoso, 50\$00; Padre Manuel Luis, Pampelo, 30\$00; Gonçalo Lopes Leite de Faria, Porto, 20\$00; Ernesto Moreira Gonçalves Pamalheiro, Galego-Outeiro, 20\$00; Francisco Romano Esteves Pascais, 20\$00; Maria Clementina de Oliveira, Leiria, 100\$00; Dr. Manuel Brás dos Santos, Coimbra, 50\$00; Maria Adelaide Santos, 50\$00; Francisco Pinheiro Gorjão, Abrigada, 100\$00; Davide da Costa Guimarães, Porto, 25\$00; Eng. Gaspar de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto, Evora, 50\$00; João de Sousa Alves Cristino, S. Brás de Alportel, 20\$00; João Augusto Seixas Gomes, 30\$00; José Pereira da Silva, 30\$00; Francisco Borges, 50\$00; Américo da Graça Junior, 20\$00. Todos do Porto.

João Iria, Mealhada, 20\$00; Joaquim de Carvalho, Rio de Janeiro, 100\$00; Benedita Rogado Valente, Bairro Alentejo-Zicalhe, 50\$00; Padre José de Jesus Capela, Fipar, 30\$00; Ana Correia Lua, S. Brás de Alportel, 20\$00; Malvina Melo Pato, Venda Nova, 20\$00; Manuel Vitor dos Santos Moita, Alcanena, 150\$00; Maria Eugénia Ferreira Lobo, Carraceda de Anciães, 50\$00; Lucinda Maria Pereira, Valadares-Gaia, 40\$00; Maria da Conceição Ferreira Ribeiro, Ermesinde, 50\$00; Adélia Correia Pires Figueiredo, Valadares-Gaia, 40\$00; Rosa Moreira Gandra, Espinho, 30\$00; Menino Manuel Joaquim, 20\$00; Condessa Dias Garcia, 100\$00; Jandira da Silva Paiva Cezar, 25\$00. Todos de S. João da Madeira. Alfredo de Pinho Paiva, Alviada-Escariz, 25\$00; Maria Ferreira da Costa, 20\$00; Cacilda de Almeida Mendes, 20\$00; Norberto de Almeida Santos, 20\$00; Menino João Angelo, 20\$00; Miguel Tavares da Costa, 20\$00. Todos de Macieira de Sarnes. Dr. António Vaz Pato, Galizes, 50\$00; Dr. António Lobo Vaz Pato, Lisboa, 50\$00; Francisco Pinto de Carvalho, Cantanhede 100\$00; Anónimo, Cantanhede 50\$00; Emília de Jesus Fonseca, Leiria, 50\$00; Fernando da Silva Coelho Serra, Montemor-o-Velho (6 meses) 10\$00; Luis José Maria Martins, Coimbra, 20\$00; Abílio Rosas Moreira, Lourenço Marques, 100\$00; Augusto Martins, Covilhã, 15\$00.

Maria Fernanda Relvas, Lisboa, 20\$00; Ernesto Mendes Ferrão, Fornos de Algodres, 20\$00; Rosa de Lima Neves Xavier, Boafarinha-Vila de Rei, 50\$00; Alexandre Aragão Lobo, Freigil, 50\$00; Alice Gonçalves Régio, Aladelim, 15\$00; Padre Fernando Ferraz, 30\$00; Mario Lopes Amareira, 25\$00; Alberto Granada Saraiva, 20\$00; Luis Gonçalves Bimba, 20\$00. Todos do Fundão.

Carlos Alberto Rôlo Bernardo, Vila de Rei (2 anos), 100\$00; Maria Laura R. Falcão de Sousa, Mora 100\$00; Regina Nazareth de Oliveira, Lisboa, 40\$00; Mario Fernando

de Oliveira Motos, Pelarico de Basto, 25\$00; José Pereira de Carvalho, Vila Nova de Gaia, 25\$00; Dr. José Rôlo, Anadia, 20\$00; Angela Lobão, Matosinhos, 50\$00; António Manuel da Silva Martins, Lisboa, 25\$00; Manuel Custódio Almeida Martins, Braga, 20\$00; José Augusto Falcão Taranea, Tortozendo, 40\$00; Manuel Victor Santos Moita Alcanena, 25\$00; José da Silva Pinheiro, Porto, 20\$00; Adelaide Kenedy Falcão Vasconcelos Lebre, Mealhada, 60\$00; Mariana Ramos Baio, Eresia-Cartaxo, 30\$00; Maria José Fernandes do Espírito Santo, Parreira-Irino-Paço de Sousa, 100\$00; Eng. Agr. Manuel de Oliveira Silvestre, Repolão-Oliveira do Bairro, 20\$00.

Crónica do Lar do Porto

Já começaram as aulas do ensino comercial. Todos os que estavam matriculados para lá foram. Andam na escola nocturna, porque de dia teem os seus trabalhos, nos escritórios onde estão empregados.

O Porto de Miranda, ou Carlos Veloso, que trabalhava num grémio, tem de se retirar para a Casa de Miranda por estar muito fraco. Foi ao Dr. Pinto Leite tirar uma radiografia.

Agora começamos a ter, de vez em quando, ceia de castanhas. Elas são boas e nós gostamos delas.

Há aqui alguns rapazes que teem medo da água e do sabão, mas quando a falta de limpeza chega a dar muito na vista rapa-se-lhe o cabelo, porque não tem direito a ter cabelo à papo sêco quem só tiver aí a vaidade. O Amândio e o Carlos apareceram com a cabeça suja e por isso andam agora rapados.

O Snr. P.º Américo fez anos em Outubro e a gente mandou-lhe uma carta de parabéns. Mas na primeira vez que ele veio ao Porto inauguramos o retrato dele. E' uma ampliação feita a carvão com caixilho dourado. O Snr. P.º Américo está a rir-se, como a gente gosta de o ver.

Foi à hora da ceia. A gente estava a comer quando ele chegou à sala. Foram palmas e vivas e depois tudo se calou. O Júlio que é o chefe disse duas palavras e mandou o Patareco, que é o mais catraio, rasgar o papel que embrulhava o retrato. Então é que foi barulho e o Júlio deu um abraço ao Pai Américo, em nome de todos os rapazes desta casa.

A gente gostou de ver a cara com que o Pai Américo ficou com a surpresa.

O retrato havia de ir para a sala de visitas mas resolveu-se que ficasse na sala de jantar porque é aqui que se fazem os julgamentos.

O Avelino, que até agora se tinha portado bem, fez uma tolice grande. Foi o primeiro a ter de olhar para o retrato do Pai Américo, mas ele não queria olhar. Teve de olhar e chorou.

Por causa da mesma tolice o Avelino anda agora de cabelo à escovinha.

A nossa casa do Porto é pouco frequentada pelos nossos benfeitores. Registamos a oferta de 20 caixas de Cálcio. Zimaia, por intermédio do delegado no Norte.